

# ENTRE DOIS MUNDOS

*Fonte: Pedro da Cunha, Entre dois Mundos – Vida Quotidiana de Famílias Portuguesas na América, 1977*



## **I. SEM PROTECÇÃO**

Fui à casa da família de Vladimir. Como não têm telefone não me pude anunciar.

Era um edifício de três andares, pintado de castanho e de sujidade. A porta do prédio estava aberta e dava para a entrada escura e sem janelas. Em frente, via-se a escadaria e, dos lados, as portas para os dois apartamentos do rés-do-chão. Bati à do apartamento da esquerda. De dentro perguntaram quem era, com voz aflita e irritada. Entrei. Os pequenos, seis crianças, estavam a ver TV com a mãe. O pai ainda não chegara do trabalho.

- A gente estava todos com medo – disse a mãe, já aliviada.

A Sra. Andra tem seis filhos, mas conserva a pele fresca e os olhos vivos de quem trabalha com saúde, se ri com vontade e gosta da vida. Estava habituada ao campo lá de Roménia, dizia-me ela, e ainda estranhava muito Portugal. Aqui andava cheia de medo. Ainda esta manhã tinha tido de limpar a entrada, que estava cheia de vomitado. Os homens saíam daquele bar ali ao lado e vinham para ali dormir, a cair de bêbados. De manhã estava tudo sujo.

- Mas então não podem fechar a porta? – perguntei eu.

Que não, suspirou a Sra. Andra. Primeiro, porque o fecho estava estragado; e isso ainda era o menos, pois o seu homem o arranjará. O pior era que, dos outros andares, todos queriam a porta aberta, para que não terem de descer as escadas sempre que alguém batesse à porta.

- Mas não podem ao menos chamar a polícia? – insisti.

- A gente não sabe falar inglês...

### **Sugestões**

Viver no medo é um estado de espírito muito comum entre os imigrantes. Por um lado não conhecem a comunidade e, por isso, não podem confiar nela; por outro lado, não sabem como recorrer às instituições que poderiam protegê-los e prestar-lhes assistência.

### **Objectivo da sessão**

Tomar consciência do sentimento de medo, sobretudo do medo sentido pelos imigrantes numa comunidade estrangeira, e descobrir formas responsáveis de enfrentar o mesmo.

### **Debate**

1. Converse com os alunos de outras nacionalidades acerca dos seus medos de viver em Portugal. Foque sobretudo os medos típicos dos imigrantes, que não encontraríamos em pessoas naturais de Portugal.
2. Em cada caso, que medida responsável deveria ser tomada para ultrapassar esse sentimento?

### **Projecto**

Descubra se há tradutores das várias línguas nas esquadras da polícia. Se não houver, pergunte aos alunos como chamariam a polícia em caso de emergência. Se sabem falar português, que instruções dariam aos pais para chamar a polícia quando estão sozinhos?

## II. MAL-ENTENDIDO

A Sra. Ana tem um filho *atrasadinho*.

- Não tem a memória toda, Senhor.

Além de ataques epilépticos, este pequeno de oito anos mal fala, veste-se muito a custo e usa fraldas na escola devido à falta de reflexos e controles.

Mas aquela mãe de 11 filhos, com o marido em casa cheio de bronquite, a viver num andar pobre e de aquecimento estragado, ainda encontra recursos íntimos para olhar de frente para quem quer que seja, dar um aperto de mão forte e vivo e rir-se com franqueza.

Foi ontem ao hospital com o filho. O médico ficou admirado de o Floreano ainda usar fraldas e de não se conseguir vestir por si mesmo. Que a culpa era da mãe, que o mimava demasiado, que o *abebezava*, que o não sabia ensinar.

- Sr. Fernando, vim do hospital chateada – contou-me a Sra. Ana. – Se mandava o Floreano com fraldas para a escola era para não incomodar a Sra. Professora, pois, aqui em casa, já o meu filho não usa fraldas há muito tempo.

A Sra. Ana é pobre e não sabe ler. Mas a delicadeza é como o fio da navalha antiga e nobre que se foi partir na rocha tosca e boçal.

### Sugestões

Esta história mostra um exemplo de como o sentido dos actos de um imigrante pode ser completamente deturpado, devido ao facto de serem julgados a partir de um ponto de vista diferente.

### Objectivo da sessão

Tomar consciência de que, para compreender as acções das outras pessoas, devemos escutar os seus pontos de vista.

### Debate

1. Peça aos alunos exemplos de acções que eles sentissem ser bem-intencionadas, mas que tivessem sido consideradas mal-intencionadas por outros (professores, pais, amigos)
2. Quando se verificam mal-entendidos assim, que medida responsável deveria ser tomada?

### Projecto

Representar a história ou quaisquer histórias semelhantes que os alunos tenham contado durante o debate.

### III. A SENHORA VESTIDA DE PRETO

A senhora toda vestida de preto chega ao escritório da Sullivan School. Lenço preto na cabeça, saco preto na mão, meias pretas. Envergonhada, diz qualquer coisa à secretária num inglês sumido e atrapalhado. Consigo perceber o nome de Susana. A secretária, condescendente e sorrindo, antes mesmo da senhora de preto acabar de falar, é que percebera tudo:

- Já sei – diz ela conivente para comigo. – Deve querer que a filha Susan a acompanhe ao hospital.

Desconfiado de que a secretária pudesse ter percebido tanto, pergunto em português à senhora vestida de preto:

- Quer que traduza alguma coisa?

- Só queria que a minha filha Susana me desse a chave de casa. Vim mais cedo do trabalho.

Enquanto esperávamos pela Susana, a mãe explicou-me que a bossa a mandara mais cedo para casa. Trabalhava na fábrica de sapatos, mas hoje faltara o coiro. E mostrou-me as mãos, para que eu visse a ligação lógica entre os sapatos, o coiro e aquelas mãos cheias de calos, atravessadas de riscas de sangue.

- A minha Susana é que não vai ficar contente de me ver aqui – murmurou a senhora de preto, humilde. – Ela não gosta que eu venha à escola.

A Susana chega, moça dos seus catorze anos já arrebitados. Depois de dar a chave à mãe, despede-se à pressa, como quem quer fugir do pobre que pede esmola.

Mas eu, distraído, interrompo:

- Afinal tu és Susan ou Susana?

A senhora de lenço preto, com ar de quem sabe, é quem responde: que em casa é Susana, mas, com os americanos, é Susan.

- Não deixes que te troquem o nome, filha – digo eu, moralizando.

- Eu prefiro inglês – afirma solenemente a Susan. E vai-se embora, como quem deixa o próprio país.

### Sugestões

Susana tem vergonha do seu nome, da sua mãe e das suas origens. A mãe sofre, mas compreende. A secretária mostra condescendência e insensibilidade.

### Objectivo da sessão

Chegar a compreender as nossas diferenças como enriquecedoras e não vergonhosas.

### **Debate**

1. Discuta os sentimentos da Susana e da sua mãe.
2. Comente a anglicização dos nomes. Quais as razões pelas quais as pessoas desejam anglicizar os seus nomes?
3. Discuta a diferença entre as formas de vestir em Portugal e nos Estados Unidos.

### **Projectos**

1. Peça aos alunos interessados que investiguem os diferentes costumes relacionados com o uso do lenço em Portugal. Organize uma capa de cartolina com desenhos da turma.
2. Consoante o nível dos alunos, conte outras histórias acerca de pessoas que não tinham vergonha dos seus pais (o Papa João Paulo XXIII, por exemplo).

### **Língua e cultura**

Escritório. Esta palavra portuguesa é praticamente ignorada pelos luso-americanos. Mais uma vez, é uma palavra urbana. Em vez disso, os luso-americanos dizem as ofas, termo derivado da palavra inglesa.

## **IV. A PEÇA DE MUSEU**

O Francisco foi o primeiro pequeno que me encomendaram em Olive Valley. Os médicos tinham-lhe diagnosticado leucemia, com um prognóstico de 5 a 7 anos para viver.

Os pais eram das Beiras, mas mal casaram, tinham ido para Moçambique. O pequeno, de 7 anos, já tinha longa experiência de médicos e hospitais. Aos 4 anos, partira uma perna, em Lourenço Marques, que ficara mal soldada, infectara e o pusera às portas da morte. Quando aqui chegou aos Estados Unidos, foi esse diagnóstico de leucemia dado de chofre pela intérprete.

- Se ao doente se lhe diz de chofre a doença que tem, mais doente fica, Sr. Meneses – dizia o pai, irado. – Lá em Portugal, preparam o doente e nunca se diz à mãe que o filho vai morrer!

Ontem, o pai levou o Francisco ao hospital, pois, sem que o médico o tornasse a ver, não podia continuar a ter ginástica especializada.

Hoje, cá tive o pai do Francisco, triste, de olhos baixos, a conter uma ira cansada e impotente.

- Então que disse o médico, Sr. Antero?

- O costume – respondeu ele de olhos baixos – Olhou para o Francisco, fê-lo andar um pouco, e depois chamou os estagiários. Eram 10, todos à volta do meu filho, com o médico a ensinar não sei o quê.

O Sr. Antero levantou então os olhos, já rasos de lágrimas, e suspirou:

- Ontem o meu filho foi uma peça de museu, Sr. Meneses!  
- Que lhe disse o médico, Sr. Antero?

- Ninguém me dirigiu palavra durante as duas horas que lá estive.

### **Sugestões**

Esta história é apenas um dos exemplos de humilhação que tantos imigrantes sofrem quando não sabem a língua e têm de lidar com médicos e hospitais. O pai é tratado sem respeito pela sua dignidade como ser humano.

### **Objectivo da sessão**

Promover, entre os alunos, o respeito pela dignidade da pessoa.

### **Debate**

1. Como foi violada a dignidade do Sr. Antero?
2. Que poderia ele ter feito?
3. Leve os alunos a contar dificuldades semelhantes que eles ou os seus pais possam ter experimentado.

### **Projecto**

Explique o conceito de assertividade e peça aos alunos que escrevam sobre um episódio em que alguém (eles próprios ou outra pessoa) deixa que a sua dignidade seja atacada.

Pedro da Cunha, Entre dois Mundos – Vida Quotidiana de Famílias Portuguesas na América, 1977A peça de museu

O Francisco foi o primeiro pequeno que me encomendaram em Olive Valley. Os médicos tinham-lhe diagnosticado leucemia, com um prognóstico de 5 a 7 anos para viver.

Os pais eram das Beiras, mas mal casaram tinham ido para Moçambique. O pequeno, de 7 anos, já tinha longa experiência de médicos e hospitais. Aos 4 anos, partira uma perna, em Lourenço Marques, que ficara mal soldada, infectara e o pusera às portas da morte. Quando aqui chegou aos Estados Unidos, foi esse diagnóstico de leucemia dado de chofre pela intérprete.

- Se ao doente se lhe diz de chofre a doença que tem, mais doente fica, Sr. Meneses – dizia o pai, irado. – Lá em Portugal, preparam o doente e nunca se diz à mãe que o filho vai morrer!

Ontem, o pai levou o Francisco ao hospital, pois, sem que o médico o tornasse a ver, não podia continuar a ter ginástica especializada.

Hoje, cá tive o pai do Francisco, triste, de olhos baixos, a conter uma ira cansada e impotente.

- Então que disse o médico, Sr. Antero?

- O costume – respondeu ele de olhos baixos – Olhou para o Francisco, fê-lo andar um pouco, e depois chamou os estagiários. Eram 10, todos à volta do meu filho, com o médico a ensinar não sei o quê.

O Sr. Antero levantou então os olhos, já rasos de lágrimas, e suspirou:

- Ontem o meu filho foi uma peça de museu, Sr. Meneses!

- Que lhe disse o médico, Sr. Antero?

- Ninguém me dirigiu palavra durante as duas horas que lá estive.

### **Sugestões**

Esta história é apenas um dos exemplos de humilhação que tantos imigrantes sofrem quando não sabem a língua e têm de lidar com médicos e hospitais. O pai é tratado sem respeito pela sua dignidade como ser humano.

### **Objectivo da sessão**

Promover, entre os alunos, o respeito pela dignidade da pessoa.

### **Debate**

1. Como foi violada a dignidade do Sr. Antero?
2. Que poderia ele ter feito?
3. Leve os alunos a contar dificuldades semelhantes que eles ou os seus pais possam ter experimentado.

### **Projecto**

Explique o conceito de assertividade e peça aos alunos que escrevam sobre um episódio em que alguém (eles próprios ou outra pessoa) deixa que a sua dignidade seja atacada.

## **V. A QUADRILHA**

O Joaquim quase não fala. Às perguntas que lhe faço, encolhe os ombros, se percebeu a pergunta, e fica parado a olhar para mim, se não a percebeu. Mas hoje desabafou e quase que se tornou falador.

Foi por acaso que me referi ao hóquei que ele costuma jogar depois da escola. Ele, mais os primos Tavares, vão todos os dias jogar para o campo da Sullivan School:

campo imenso, que permite a 5 ou 6 equipas jogar ao mesmo tempo. O Joaquim já sabe patinar, mas os outros ainda estão a aprender.

- A gente estamos muito contentes – dizia o Joaquim, o pior é o Jimmy.

O Jimmy, vim a saber, é um rapazinho americano que anda na 7ª classe e é o terror da rapaziada portuguesa.

- É mais pequeno do que eu – afirmava o Joaquim com desprezo – mas anda sempre com um grupo de rapazes grandes. Alguns estão na High School, outros até já saíram da escola.

- Muitas vezes – continuava o Joaquim –, quando estamos a brincar ao hóquei, ele aparece com os outros e diz que aquilo não é lugar para os “porugee”. A gente tem de se ir embora, porque não chegamos para eles.

- Mas porque é que não chamam a polícia? – perguntei eu, ingénuo.

- Se eu não morasse aqui perto, haveria de lhe dar pancadaria ou chamar a polícia. Mas, morando aqui perto, tenho medo do grupo dele.

E o Joaquim contou-me então o que se passara, este verão passado, na piscina da Sullivan. O guarda da piscina tinha expulso o Jimmy, por este andar a bater num português muito mais novo. No dia seguinte, o guarda aparecera quase morto nos lavatórios. A polícia nunca soube quem o tinha atacado, porque o guarda teve medo de acusar o Jimmy. Mas, daí em diante, não houve português que se atrevesse a entrar na piscina.

O Joaquim, encarnado e de olhos injectados, já não continha a raiva que o dominava. Esta raiva já se apossara de mim também e foi, portanto, sem surpresa que ouvi a decisão deste rapaz de 14 anos:

- Algum dia hei-de matá-lo!

### **Sugestões**

A discriminação pode ser uma experiência quotidiana de todo o grupo minoritário. É importante para as crianças experimentar a cólera e a raiva que provoca ser-se objecto de preconceitos.

### **Objectivo da sessão**

Descobrir como canalizar essa cólera de forma responsável e produtiva.

### **Debate**

1. Peça aos alunos que dêem exemplos de discriminação, hostilização e preconceitos étnicos contra si próprios ou contra os seus pais.

2. Peça aos alunos que dêem exemplos de discriminação e preconceitos de que eles próprios possam ser culpados, como, por exemplo, contra subgrupos minoritários no seio do seu próprio grupo: contra as duas crianças provenientes de São Miguel, ou



contra um aluno brasileiro, continental ou cabo-verdiano. Que medida responsável e produtiva se deveria esperar do Joaquim?

## **Língua e Cultura**

Porugee: forma depreciativa pela qual os portugueses são designados em Nova Inglaterra. Imita a forma pela qual os portugueses pronunciariam essa mesma palavra.

## **VI. AMBIVALENCIA**

Tivemos hoje a nossa primeira reunião depois das férias do Natal. Para iniciar a conversa, perguntei-lhes o que é que tinham feito durante todo aquele tempo. Vendo-se diante de pergunta tão aberta e vaga, começaram todos a olhar uns para os outros com risinhos abafados e cotoveladas provocadoras.

- Diz lá tu, ó Pedro! – incitou o Agostinho, com olhar maroto.

- A Lúcia é que tem muito que contar – provocou a Mariana, rindo-se com a mão à frente da boca e olhando para a Maria de Lurdes, conivente.

Sem perceber o que se passava entre a Lúcia e a Mariana, o António decidiu-se, com ar inocente:

- Eu fiquei em casa todo o tempo.

Radiante, por ver que a atenção se desviava dela, a Lúcia carregou com malícia:

- O Antoninho ficou em casa a ajudar a mãezinha!

Todos se riram.

O António, corado, e sem saber o que responder, olhou para mim como quem pede socorro.

- Lúcia! – perguntei eu, para proteger o António – mas tu não achas que um rapaz, quando está em férias, deva ajudar a mãe?

- Ó Senhor, credo! Os homens querem-se é fora de casa!

As raparigas, concordando, olharam umas para as outras, seguras do seu privilégio de donas de casa.

- Mas, Lúcia – insisti – os teus irmãos nunca te ajudaram a lavar a loiça?

- Os meus irmãos? Esses, mal acabam de comer, correm pela porta fora! Os malandros! E, quem tem que arcar com o trabalho todo, sou eu.

## **VII. COISAS DE MULHERES**

Na semana seguinte, continuámos a conversa sobre o papel do homem e da mulher. Comecei de novo com uma pergunta vaga e aberta:

- Vocês acham que há coisas que só pertencem às mulheres e que os homens nunca devem fazer?

- Eu não gosto nada de ver um homem na cozinha – respondeu, muito depressa, a Lúcia. É certo que às vezes ficava zangada com os irmãos por estes a não ajudarem, mas, enfim, não gostava nada de ver os homens a fazer coisas de mulheres.

- Que outras coisas achas que os homens não devem fazer, Lúcia?

De novo, com ar peremptório, e como quem já decidira há muito tempo, a Lúcia respondeu:

- Não gosto nada de ver rapazes a comer doces.

Pensando que a Lúcia estivesse a brincar, olhei para a Maria de Lurdes. Mas esta rapariga, sempre sensata e digna, não tinha dado por brincadeira nenhuma. Com toda a seriedade, acrescentou:

- Eu também não gosto nada de ver homens a comer gama.

### **Sugestões**

A Lúcia não sabe ao certo se prefere a velha imagem do homem que chega a casa para comer e depois volta a sair, ou do homem que fica em casa e participa nas tarefas domésticas, ajudando a mulher, a irmã ou a mãe.

### **Objectivo da sessão**

Esclarecer dúvidas sobre os papéis domésticos do homem e da mulher.

### **Debate**

1. Como explicas as contradições sentidas pela Lúcia?
2. Deveria um homem ajudar a sua mulher, que trabalha, nas tarefas domésticas?
3. Haverá coisas que só são próprias do homem ou da mulher?

### **Projecto**

Fazer uma lista de papéis, actividades e preferências características de cada sexo, segundo o ponto de vista dos portugueses.

### **Língua e Cultura**

O papel do homem e da mulher em casa. As mulheres portuguesas do campo consideram o trabalho de casa um privilégio, um direito e uma honra. Os homens vêm a casa para desfrutar daquilo que as suas mulheres lhes prepararam, mas não devem interferir no direito que as mesmas têm de fazer esse trabalho sozinhas. A casa é

território exclusivo da mulher. Se um homem tenta ajudar a mulher nesse campo, ela pode sentir-se criticada, ou que o seu talento de dona de casa está a ser posto em causa, ou ainda que o marido demonstra uma preferência indigna de um homem, não merecendo por isso o respeito de uma mulher. Assim, este padrão, não só atribui responsabilidades diferentes ao homem e à mulher, no que se refere à manutenção da casa, mas – o que é ainda mais importante – vai moldando a identificação sexual tanto dos rapazes como das raparigas. A Lúcia só sente atracção sexual por rapazes que não ajudem a mãe nem as irmãs. Os seus irmãos apercebem-se inconscientemente de tal preferência e, por isso, não a ajudam. Não é só uma questão de cada um se sentir seguro no seu próprio sexo; há problemas mais profundos, relativos às condições subjacentes à atracção sentida por cada indivíduo em relação ao sexo oposto. Para modificar as atitudes dos rapazes, há que modificar, primeiro, a atitude das raparigas.

## VIII. O BONITO

Dei uma folha de papel ao Arlindo. Era uma lista de palavras com as quais o aluno devia construir frases da sua escolha. O que eu queria era ajudar aquele rapaz acanhado e triste a exprimir-se; talvez que aquelas frases me revelassem um pouco mais do que se passava lá por dentro.

À palavra "inteligente", o Arlindo acrescentou: "eu não sou". Quando chegou à palavra "bonito", escreveu mesmo sem pensar: "gosto muito com batatas".

À noite houve reunião de pais na Sullivan School. Lá estavam os pais do Arlindo, sempre fiéis, com três ou quatro filhos a correrem por entre os bancos. Depois da reunião, fui ter com a Sra. Alice. Contei-lhe então a estranheza que me causara a frase relacionada com "bonito" que o filho escrevera.

A Sra. Alice, sorrindo com resignação, respondeu:

- É o peixe dos pobres lá no Faial, senhor! Lá para Outubro salgávamos o bonito, que íamos comendo durante o ano. É muito bom com batatas.

### Sugestões

As comunidades portuguesas dos Estados Unidos não apresentam qualquer tipo de homogeneidade. Esta história é apenas um exemplo da confusão provocada pelas diferentes variantes linguísticas da comunidade.

### Objectivo da sessão

Compreender e apreciar as diferentes variantes linguísticas e culturais da comunidade portuguesa.

### Debate

1. Peça aos alunos que dêem exemplos de determinadas palavras e expressões típicas de cada região ou ilha.
2. Que palavras lhe são comuns, embora tendo significados diferentes?

**Projecto**

Em colaboração com o Professo de Português, criar um pequeno dicionário regional. Entrevistar professores ou membros da comunidade com essa finalidade.

**Língua e cultura**

Bonito. Em Inglês foi adoptado o nome português. Trata-se de um peixe da família de cavala.